

Resenha

PARA PENSAR O AUTISMO, O AUTISTA E A DIFERENÇA

Resenha de FURTADO, Luis Achilles

Rodrigues. *Sua majestade o autista:*

fascínio, intolerância e exclusão no mundo contemporâneo. Curitiba: CRV, 2013, 230 p.

Leandro Alves Rodrigues dos Santos

Psicanalista, membro do Fórum do Campo Lacaniano – SP e da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo, pós-doutorando em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
E-mail: leandroarsantos@uol.com.br

Este é um livro que veio a calhar! Tal expressão enfática não é gratuita, pois surgiu após a reminiscência de um alerta de Freud, quando o inventor da psicanálise nos dizia da precisão do leão ao não errar o bote, ou seja, há um momento *certo e justo* da intervenção do analista. No caso de *Sua majestade o autista*, Luis Achilles Rodrigues Furtado não errou o bote, oferecendo uma importantíssima contribuição num momento histórico-social que, mais uma vez, põe em xeque a tal invenção freudiana.

Estamos falando de um fenômeno que se iniciou na França, com um violento ataque à psicanálise, mirando especialmente nos serviços públicos e assistenciais, a partir da edição de um livro específico, um virulento panfleto de mais de oitocentas páginas, intitulado

Livro Negro da Psicanálise, concebido com a clara e ardilosa intenção de denegrir a psicanálise e nomes como Freud, Lacan, Dolto e outros grandes autores, além de propor descaradamente a simples substituição do tratamento psicanalítico pela díade remédios/terapias adaptativas, em especial a terapia comportamental.

Como não poderia deixar de ser, num previsível desdobramento, as coisas acabam chegando aqui e, paralelamente ao lançamento desse mesmo livro em língua portuguesa, por volta de 2012, tem-se início, ao menos no estado de São Paulo, um movimento curiosamente análogo ao francês, conjuminando os interesses da indústria farmacêutica e dos terapeutas de outras abordagens teóricas, que tentou minar a suposta hegemonia do tratamento de orientação psicanalítico em várias instituições assistenciais – como, por exemplo, o Cria da *Unifesp*, um dos casos mais aberrantes, no qual foi sugerida a proibição pura e simples do tratamento psicanalítico nesse centro de referência – a partir de investidas sistemáticas que questionavam, dentre outras coisas, a suposta a-cientificidade da psicanálise, a quase “óbvia” ineficácia junto aos autistas, que se beneficiariam mais de treinamentos e adestramentos especializados, além de um detalhe muito importante na burocratização que atravessa a concepção de saúde mental nos dias de hoje: o tratamento psicanalítico, por ser extremamente individualizado, é pouco “produtivo” em

termos de atendimento à demanda maciça que chega aos postos de saúde e, portanto, continua elitista assim como nos consultórios particulares.

Mas, como mostra a história, sempre há uma reação e, os psicanalistas, quando encurralados, acabam por se unir e, da mesma forma que há alguns anos atrás com a tentativa de regulamentação da psicanálise, formulam e fundam o *Movimento Psicanálise, Autismo e Saúde Pública*, a partir de intensa mobilização e, especialmente, visível indignação da comunidade psicanalítica com essa situação bizarra. Tal movimento vem trabalhando diuturnamente, conseguiu colaborar para reverter o anteriormente citado episódio do Cria, na Unifesp, além de conjugar respeitáveis esforços de divulgação e publicação de um sem número de produções teóricas e relatos de casos de tratamento aos ditos autistas, a partir do campo teórico e clínico da psicanálise, numa corajosa forma de resposta aos tais ataques e desqualificações.

Nesse sentido, esse livro que está aqui sendo resenhado pode – e deve – ser incluído nesse rol, pois debruça-se justamente sobre essa temática, a partir da experiência do autor, tanto como psicanalista, bem como nas incursões ao mundo da educação, ocupando papéis distintos, convivendo, trabalhando e tentando viabilizar outro olhar a essas crianças tão diferentes das crianças “normais”. Aliás, cabe dizer, quando pensamos na palavra “normal” e dela retiramos a última letra, temos então a assunção de outra palavra, a “norma”, que é o que deve ser sensivelmente questionado quando falamos de autismo, autistas e o mundo que os exclui. Pode parecer

duro utilizar diretamente esse termo, mas o que o autor nos revela, já desde o título, é que o mundo contemporâneo pouco tolera quem não se enquadra na norma, e não importa qual delas.

Naturalmente isso leva o leitor a compreender que a pesquisa empreendida pelo autor, originariamente em uma tese de doutoramento, tem uma clara ambição política, no sentido mais nobre do termo, visto que parte de um pressuposto ousado, tentar compreender as razões pelas quais o autismo exerce paradoxal fascínio na sociedade ainda que, quase concomitantemente, o exclua, por mecanismos de segregação, algumas vezes sutis, outras nem tanto, *imbróglío* que é alvo de inúmeros campos do conhecimento, como, por exemplo, a medicina, o direito, a pedagogia, a psicologia e, sem dúvida, a psicanálise, por meio da dedicação que inúmeros psicanalistas devotam ao paradigma inicial que permeia suas práticas cotidianas: o autista é um ser singular, peculiar, único, pode estabelecer laços e, surpreender em termos de potencialidade, para além dos estereótipos reconfortantes, dos pré-conceitos tranquilizadores e dos padrões monoliticamente inquestionáveis que os descrevem.

Convenhamos que remar contra essa “maré” não é nada fácil, de fato exige, e muito, do psicanalista e sua oferta que não condiz com o rápido-fácil-indolor que outras formas de tratamento propagam, em especial na mídia, contaminando o imaginário e relegando ao psicanalista um lugar de idealista, sonhador e, de acordo com o já citado *Livro*

Negro da Psicanálise, de perigoso mistificador, pois pode causar inúmeros males aos autistas e suas respectivas famílias.

A forma como o autor organizou o livro, capítulo a capítulo, dá mostras de um cuidado que visa levar o leitor a caminhar por uma trilha que se inicia com a experiência inicial do autor, no campo da educação, momento que o instigou a se aprofundar nessa temática do autismo, desaguando em uma ótima revisão bibliográfica, partindo dos pioneiros como, por exemplo, Jean Itard com suas experiências, além de Kanner com seus postulados fundadores no campo do autismo. Momentos inaugurais, que serviram como solo no qual germinou inúmeras contribuições de psicanalistas, das mais diversas orientações e escolas, cada qual a seu modo, num clara tentativa de elucidação das vicissitudes que os interpelam quando se defrontam com os ditos autistas, não apenas no consultório particular, bem como em instituições variadas, com propostas igualmente variadas, colaborando ou atravancando o trabalho do psicanalista que nelas porventura atuem. Esse aspecto também mereceu cuidadoso tratamento, desvelando como o autista, ou o autismo, pode ser tomado como objetos de atordoantes visões de mundo, de homem e de sociedade, contemplando projetos de intervenção que o consideram quase como um “sub-humano”, ou meramente um ser eternamente doente, ou ainda um personagem que estará sempre aquém em todas as potencialidades e funcionalidades esperadas pelo social e principalmente pelo mercado, necessitando de um tutor permanente, representado por algumas

formas de terapias re-adaptativas, quase ortopédicas como, aliás, a obra de Foucault revelou com inquestionável contundência.

E nesse ponto, é alinhavado um tratamento a esse cenário a partir das contribuições de Jacques Lacan, em particular de seu avanço na teorização fundada por Freud, tendo a questão do narcisismo como eixo central, pois o autista pena justamente no laço com o outro, ou melhor, com o desejo do Outro, em termos lacanianos. Problemática que permeia qualquer estrutura, mas que, no caso do autista, reveste-se de significativa importância, pois o impede de responder às inúmeras e certamente questionáveis demandas que o social impinge na vida em grupo.

Dessa maneira, fica pavimentado o caminho para o autor se dedicar a compreender, problematizar e oferecer soluções ao que chama de “metáfora da contemporaneidade”, pois fornece subsídios teóricos para o leitor se interrogar sobre uma ousada imbricação entre o autista encarnando um personagem que personificaria uma enigmática resposta ao que o social exige nesse momento histórico, tema delicado e que obstaculiza de forma bastante espinhosa as hipóteses psicanalíticas, pois se mal compreendidas, podem ser reduzidas a um simplório exercício de culpabilização das mães ou ao ambiente familiar, redundando o autismo como um absurdo resultado de disfuncionamento afetivo de uma família idealizada, burguesa e que merece sempre um olhar mais detido.

A leitura desse livro nos leva a repensar esse modelo ingênuo, serve como alerta para que o psicanalista não caia nessa armadilha de ser responsabilizado pela patologização

dos ditos autistas e, especialmente, incentiva a todos os que defendem um mundo minimamente mais justo, no qual a diferença seja respeitada e não medicalizada, a inventarem novas formas de laços e projetos coletivos. As palavras de Luis Achilles, ao final do livro, corroboram essa hipótese:

Em resumo, podemos afirmar que o fascínio em torno do autismo é determinado por três fatores que se sobrepõem. O primeiro é relativo à dimensão fantasística, própria ao Complexo de Édipo: o autismo representa para o homem a possibilidade e o desafio de desvendar os segredos de sua humanidade, todavia, é a elaboração destas questões sobre sua origem e seu destino que a fundam enquanto tal. O segundo fator é real e dependente do primeiro, mas é logicamente anterior, pois se apresenta como o que excede a qualquer saber; o gozo autista anterior à linguagem, próprio a todos os indivíduos. E, em terceiro lugar, apontamos a dimensão ideológica sobreposta às duas primeiras, mais fundamentais. Esta, sim, está carregada de traços da contemporaneidade. O autismo adquire o status no mundo de hoje por repetir a esperança de se encontrar resposta objetivas para as experiências subjetivas, possibilitando a criação de receitas “aplicáveis” e “vendáveis” a todos os indivíduos. Ademais, os ideais tecnocientificistas atrelam-se aos interesses de movimentos multiculturais que pregam o respeito à diferença, mas, paradoxalmente, reforçam a intolerância e a exclusão das minorias. O preço desta política de tratamento do autismo nos dias de hoje, como reiteramos inúmeras vezes, é a forclusão do sujeito. (p. 212)

Recebido em 10/9/2013; Aprovado em 5/12/2013.